

O ENSINO DO LÉXICO: AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

CLÁUDIA MARIA XATARA
(UNESP-São José do Rio Preto)

RÉSUMÉ

Cet article a l'intention de contribuer à l'enseignement d'un secteur très spécial du lexique, étant donné sa haute fréquence dans l'usage familier de n'importe quelle langue. Il s'agit des expressions idiomatiques, dont l'acquisition peut être systématisée selon les niveaux d'apprentissage du français, la langue étrangère ici mise en question. On propose, alors, plusieurs stratégies pour sensibiliser l'apprenant, en tenant compte des différents degrés de difficulté dans la traduction des idiomatismes.

I. O ENSINO DO LÉXICO

O léxico permaneceu relativamente à margem do ensino, tanto nos anos 50-60 com a visão mecanicista-comportamental do processo ensino-aprendizagem e a totalidade da língua como objetivo, quanto nos anos 70-80 com a visão mentalista-cognitiva desse mesmo processo, considerando a língua como instrumento de comunicação e a utilidade na escolha de assuntos relativos à realidade do aprendiz (Costa, 1987). Nos anos 90, a Lingüística Aplicada, embora tenha se debruçado muitas vezes, por exemplo, sobre o material lexical pertinente a cada fase de aquisição de uma língua estrangeira, ainda não deu conta de inúmeros problemas vinculados ao ensino/aprendizagem do léxico.

O que procuraremos a seguir é, pois, contribuir com essa questão, mas do ponto de vista lexicológico. Trata-se, na verdade, de um ponto interdisciplinar da Lingüística Aplicada e da Teoria e Análise Lingüística. Assim, objetivamos estimular especificamente a compreensão e aquisição das expressões idiomáticas, despertando os aprendizes para as peculiaridades dessas unidades lexicais, iniciando-se pelo seu próprio reconhecimento no interior dos enunciados e posteriormente dando conta da conotação que as envolve, além de levar os aprendizes a sua utilização como um recurso discursivo.

Acreditamos que ensinar o léxico não significa ensinar listagens e mais listagens de palavras, ou mesmo organizar essas listagens em paradigmas. Vai além disso. Objetiva evidenciar as relações, intrínsecas e extrínsecas, entre as palavras. Estamos falando de antônimos, sinônimos, parassinônimos, homônimos, parônimos; estamos falando de campos semânticos, de graus de equivalência, de redes de significações, etc. Tudo em prol de uma armazenagem lexical que torne o indivíduo competitivamente

competente. Em determinadores setores profissionais, jornalismo, política, tradução, magistério, administração, economia e muitos outros, não basta, na procura de uma estabilidade satisfatória, ter uma competência suficiente. É preciso despontar como um usuário do léxico altamente preparado e capacitado, o que certamente se complica quando está em questão o domínio em mais de uma língua, multiplicando essas relações sob forte pressão das semelhanças e dessemelhanças culturais.

Felizmente, após o longo exílio do ensino do vocabulário, na didática das línguas estrangeiras há quem reconheça que apenas com a ampliação de conhecimentos lexicais se possa servir realmente da língua, conforme assinalam Galisson, Hausmann, Courtillon, Laufer (in Bogaards, 1994).

II. O ENSINO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Uma das maneiras de sistematização didática, necessária para potencializar as diversas estratégias, otimizando os resultados, é observar as possibilidades de recortes lexicais. Abordaremos um desses possíveis recortes, as expressões idiomáticas (EIs) no ensino de uma língua estrangeira (LE), porque concordamos com Labov, que já em 1975 nos anunciava como marco zero para o estudo da língua a fala cotidiana dos falantes reais, ao ensino cabendo, portanto, a tarefa de facilitar aos alunos a aquisição da competência lexical e de habilitá-los a usar também as palavras ou expressões que revelam os sentimentos, as emoções e as sutilezas de pensamento do falante nativo da língua-alvo. Nesse quadro, inserem-se as EIs.

Em termos gerais, a aquisição da maioria das combinações idiomáticas depende totalmente do esforço do falante em estar atento a elas, após ouvi-las várias vezes, e em ter a competência lingüística de utilizá-las adequadamente como respostas condicionadas a determinadas situações. Na prática, um estudo mais sistemático das EIs é de fato desconsiderado, embora esse pudesse representar uma contribuição para a fluência do falante (Fillmore, 1979), o qual, além de conhecer a gramática e o léxico de uma língua, deve ainda memorizar um grande repertório de formas cristalizadas, conhecer o seu significado conotativo, sobretudo metafórico, e saber adequá-las a contextos específicos.

Tal problema acentua-se no ensino/aprendizagem de uma LE. O estudo da semântica há pouco deixou de ser secundário, contudo o estudo do léxico assim permanece para muitos, embora seja justamente aí que se situa o maior escolho no domínio de uma LE. De fato, o léxico de uma língua reflete o recorte da realidade, que é específico da cultura a que essa língua se reporta. Isso é especialmente controverso no tocante às EIs, pois essas levam um tempo ainda maior para serem adquiridas em relação ao resto do léxico da LE em questão. Nada pode ser mais insistentemente desconfortável, para não dizer frustrante, que não conseguir recuperar o significado, na fala coloquial de seu interlocutor estrangeiro, de uma avalanche de expressões, absolutamente comuns, ou mesmo inerentes, à linguagem do dia-a-dia. E os alunos que estudam uma LE bem divergente de sua língua materna (LM), fora do meio lingüístico ou “natural” onde poderiam dinamizá-la e sistematizá-la, são evidentemente os mais desfavorecidos na aquisição dos idiomatismos.

Em nosso caso, analisaremos o ensino do francês.

O francês e o português do Brasil propiciam uma comparação de duas línguas de origem latina mas praticadas por civilizações muito diferentes, distantes geográfica e culturalmente. E apesar de muitas semelhanças entre essas duas culturas e de formulações quase idênticas, existem as divergências entre expressões ligadas ao passado cultural, social e lingüístico de cada povo. Essas divergências podem ocorrer também no interior de uma mesma língua, como ocorre entre o próprio português do Brasil e o de Portugal, entre o francês da França e o do Canadá, inclusive em matéria de EI.

Os idiomatismos fazem parte da fraseologia da língua comum e têm, como já mencionamos, alta freqüência no uso coloquial da linguagem. Em língua materna, praticamente não se atenta ao seu maciço emprego, tão naturais nos parecem as substituições das lexias simples pelas complexas, para nos referirmos ao mesmo fato de continuum amorfo, ou seja, ao mesmo recorte conceitual. Essas substituições justificam-se pelo prazer de valorizar o pitoresco, de colorir o comum, de ressaltar o gosto do trivial, e, nos termos de Grice (apud Green, 1989), de violar intencionalmente ao menos uma máxima do princípio cooperativo numa interação lingüística, a de ser claro, acabando por serem os idiomatismos um circunlóquio das lexias simples, que exigem do interlocutor envolvimento com a conotação. Na realidade, as referidas substituições ocorrem apesar de haver apenas uma relação de implicação recíproca entre uma lexia complexa e uma simples, com grande intersecção sêmica que garante um maior grau de equivalência, mas não representam uma relação de identidade - a lexia complexa nunca diz exatamente a mesma coisa que a simples, assim como uma palavra na língua B nunca ocupa absolutamente o mesmo espaço que uma palavra na língua A (Barbosa, 1992).

Para facilitar e agilizar a assimilação das EIs da língua-alvo é necessário que o professor esteja sempre atento para os fatos de interlíngua (presença de elementos da LM no uso da LE, devido ao domínio insuficiente da LE) e para os resultados de análises contrastivas. É necessário pensar que tipos de exercícios devam ser utilizados para evitar ou corrigir possíveis desvios. Um deles poderia ser a tradução das EIs de uma língua para outra. Outro exercício seria a contextualização das EIs em LE, pois, ampliando-se as informações culturais significativas, facilitar-se-ia a aquisição/aprendizagem delas.

Sugerimos, então, alguns pontos a serem considerados na sistematização do ensino de EIs em uma língua estrangeira:

1. O conceito de EI;
2. A identificação da EI em textos de língua estrangeira;
3. A seleção de EIs segundo os níveis de aprendizagem.

1. O CONCEITO DE EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Com base em estudos anteriores (Xatara, 1994, 1998), chegamos ao seguinte conceito: expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural.

Esse conceito parece recobrir satisfatoriamente os principais aspectos que devam ser observados na identificação de uma EI.

Primeiramente, o aprendiz será informado de que uma EI não é apenas uma locução gramaticalmente falando, ou seja, mais de uma palavra; é uma unidade lexical complexa e indecomponível, porque os seus componentes não se dissociam, podendo estar sujeitos apenas a pequenas variações.

Em segundo lugar, uma vez mantido o princípio da distribuição única ou restrita, o aprendiz deverá reconhecer uma mutação semântica que os componentes da EI sofreram e por isso passaram a ter coletivamente uma outra significação.

Por fim, só se poderá ter certeza de que se está diante de uma EI, quando o seu significado, a ordem de ocorrência dos elementos, as relações de similaridade baseadas na seleção e as relações de contigüidade baseadas na combinação forem consagradamente convencionais. Esse dado é normalmente fornecido pelo índice de freqüência do emprego dessa EI pela comunidade dos falantes, sendo usual como uma resposta condicionada à circunstância em que ocorra. Assim, o idiomatismo, estável em sua significação, cristaliza-se em uma língua e é transmitido assistematicamente, já em situações reais de comunicação, por n gerações, geralmente com um alto grau de codificabilidade.

Da mesma forma, então, que é possível definir uma EI não como uma idiossincrasia, mas como uma unidade lexical com traços categoriais próprios e com relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro da irregularidade das construções fixas, é possível pensar em sua sistematização no ensino/aprendizagem.

2. A IDENTIFICAÇÃO DA EXPRESSÃO IDIOMÁTICA EM TEXTOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

O aprendiz, inserido no processo de leitura e compreensão de um texto em uma língua estrangeira, poderá ter dificuldades com o significado de uma seqüência de palavras indissociáveis e estranhar aí uma literalidade, pois denotativamente essa seqüência parece não fazer sentido naquele determinado contexto e instaura-se uma ruptura no nível do enunciado. Ele passa a explorar, então, as relações de sentido possíveis, anafórica ou cataforicamente, que o co-texto lhe oferece, baseando-se em elementos iterativos e associativos, mas percebe que aquela seqüência trata de uma anomalia sintático-semântica. O enunciado, então, precisa permitir que o leitor chegue à enunciação, onde ele enfim conseguirá resgatar a sua coerência, ao interpretar o seu significado (Searle, 1979). O êxito do aprendiz na interpretação correta da expressão só virá, entretanto, se ele acionar uma estratégia metacognitiva que corresponda a um processo de recuperação de traços semânticos da expressão, ou seja, de uma elaboração do significado idiomático fundamentado em uma análise lexical literal.

Observa-se, contudo, que para um não-nativo interpretar corretamente uma EI, não são suficientes um conhecimento extralingüístico e o estabelecimento de analogias entre duas culturas. Também a especificidade cultural, enraizada na realidade autóctone

e as associações naturais sobre as quais se estabelece a originalidade dos enunciados idiomáticos, são obstáculos para a compreensão.

3. A SELEÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SEGUNDO OS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Ensina-se o código denotativo, e as variações estilísticas, que são modos de expressar conotações diferentes com base em um núcleo conceitual idêntico, são mostradas e trabalhadas apenas em um nível de aprendizagem bem mais avançado. Para um ensino programado, sobretudo concernente à formação de tradutores, poder-se-ia adotar uma metodologia que, na verdade, corresponderia às possibilidades de tradução de uma EI e a grau de dificuldade para essa tradução. Essas dificuldades, por sua vez, variam segundo o nível de aprendizagem em que o aprendiz se encontra, independente da tipologia das EIs, quer sejam sintagmas nominais, verbais ou preposicionais, quer sejam enunciados inteiros.

A seguir, valendo-nos de pesquisas dos estagiários Eunice Andrade, Fábio Laura, Frederico Romanzini e Isabella Torres, podemos tecer algumas considerações sobre a relação entre a equivalência tradutória dos idiomatismos e o nível de aprendizagem dos alunos. Ressaltamos que, embora o uso de quaisquer desses idiomatismos não esteja restrito a níveis de aprendizagem, sua aquisição pode ser facilitada se os diferentes graus de dificuldade de aprendizagem forem considerados.

3.1. O ensino de expressões idiomáticas para iniciantes em francês

Observando-se um *corpus* de aproximadamente oito mil EIs francesas, resultado de parte de tese de doutorado (Xatara, 1998), foram selecionadas primeiramente apenas aquelas que têm equivalência, além de idiomática, também literal, na língua portuguesa, com vistas a um ensino inicial dessa língua estrangeira. Nesse caso, os idiomatismos franceses com equivalência idiomática literal no português representam construções de correspondências exatas, favorecendo um menor grau de dificuldade, o grau 1, no processo de ensino/aprendizagem.

Por exemplo:

arriver comme une bombe ➤ chegar como uma bomba

cimetière des éléphants ➤ cemitério dos elefantes

des hauts et des bas ➤ altos e baixos

faire le diable à quatre ➤ fazer o diabo a quatro

faire nombre ➤ fazer número

mettre à l'ombre ➤ colocar à sombra

passer en revue ➤ passar em revista

sans coeur ➤ sem coração

tourner casaque: virar casaca

Esse grau de dificuldade 1 encontrou cerca de 1100 EIs, ou seja, apenas 14% do total dos idiomatismos pesquisados.

3.2. O ensino de expressões idiomáticas para falsos iniciantes em francês

As EIs com grau de dificuldade 2 ou EIs com equivalência idiomática semelhante no português, são indicadas para serem ensinadas aos estudantes “falsos iniciantes” em francês, ou seja, alunos a partir do segundo semestre do primeiro ano até o segundo ano de estudos de língua francesa. Exemplificando:

à bon port ➤ em porto seguro

à courte vue ➤ de visão estreita

avaler des coulevres ➤ engolir sapo

brave comme un lion ➤ bravo como uma onça (pintada)

promettre monts et merveilles ➤ prometer mundos e fundos

remuer ciel et terre ➤ mover céus e terras

Essas EIs, que representam aproximadamente 1300 expressões, correspondendo a 17% do total pesquisado, traduzem-se por idiomatismos semelhantes em língua portuguesa, porque não há equivalência lexical total ou literal, mas apenas aproximativa, sem alteração da estrutura, do valor, do efeito comunicativo ou do nível de linguagem considerados nas expressões francesas.

3.3. O ensino de expressões idiomáticas para o nível intermediário em francês

Classificar as EIs representativas do nível de dificuldade 3, indicado para aprendizes que possuam o nível intermediário em FLE (Francês como Língua Estrangeira), significa trabalhar com EIs cuja tradução corresponde a expressões também idiomáticas em português, mas de estrutura sintática e/ou unidades lexicais bem diferentes.

Exemplos:

appuyer sur la chanterelle ➤ insistir no ponto x

avoir deux cordes à son arc ➤ estar em cima do muro

reposer [se] sur ses lauriers ➤ querer sombra e água fresca

grand bleu ➤ reino de Netuno

moulin à paroles ➤ língua solta

serrer la queue ➤ pôr o rabo entre as pernas

Nesse caso, detecta-se que 51% das EIs, isto é, 4100 aproximadamente, devam ser introduzidas apenas no terceiro ano de estudos em francês, quando se supõe que os alunos seriam detentores, então, de um nível intermediário de aprendizagem dessa língua estrangeira.

3.4. O ensino de expressões idiomáticas para o nível avançado em francês

É possível, ainda, catalogar todas as expressões da língua francesa sem equivalência idiomática na língua portuguesa, o que corresponde ao grau de dificuldade

4, indicado para o ensino/aprendizagem no nível avançado de conhecimentos em francês. Essas EIs revelam visões de mundo muito diferentes, e portanto são traduzidas por paráfrases, ou seja, por meio de explicações.

Para exemplificarmos:

à la vie (et) à la mort > enquanto viver, para sempre
d'une simplicité biblique > muito simples, sem nenhuma pompa
entrer comme dans du beurre > entrar com facilidade
manger la grenouille > gastar dinheiro público
patte de mouche > garrancho
systeme D > jeitinho

Esse grau de dificuldade apresenta em torno de 1500 ocorrências, ou seja, 18% do *corpus* total das EIs pesquisadas - uma ocorrência alta, em se tratando de EIs sem correspondentes idiomáticos na língua portuguesa.

III. ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

Evidentemente, não basta procedermos a uma classificação por níveis, mas com base nessa classificação propormos estratégias didáticas para competência lexical que estimulem a aprendizagem das EIs segundo o grau de dificuldade que podem acarretar para a aquisição, se não sistemática, ao menos sistematizada. Essas estratégias poderiam ser:

1. identificar idiomatismos da LE equivalentes na LM em listas dispostas desordenadamente

Ex.:

- | | |
|----------------------------------|-----------------------------|
| (1) allonger la sauce | escolher a dedo () |
| (2) brebis galeuse | criar raízes () |
| (3) être sur le sable | voltar à vaca fria () |
| (4) faire du béton | bateção de boca () |
| (5) langue fourée | levar a cabo () |
| (6) mener à son terme | beijo de desentupir pia () |
| (7) pousser sa pointe | entrar de cabeça () |
| (8) prise de bec | ovelha negra () |
| (9) revenir à ses moutons | estar na pior () |
| (10) trier sur le volet | encher lingüiça () |

Resposta: 10, 4, 9, 8, 6, 5, 7, 2, 3, 1

2. identificar idiomatismos correspondentes a imagens ou desenhos que representem seu significado.

Ex.:



**chercher une aiguille dans
un bouchon**

une botte de foin

(procurar agulha em palheiro)

feu vert

(sinal verde)

faire sauter le

(ser chegado numa garrafa)

3. chegar aos idiomatismos da LE servindo-se apenas de suas paráfrases explicativas também em LE

Ex.:

- *ce qui est à la fois désirable et interdit*: **fruit défendu** (fruto proibido)
- *commencer une digression*: **ouvrir une parenthèse** (abrir um parêntese)
- *jour décisif pour faire quelque chose; jour où doit avoir lieu (ou a eu lieu) un évènement notable pour quelqu'un*: **jour J** (dia D)
- *saliver d'envie et se délecter à l'avance*: **avoir l'eau à la bouche** (estar com água na boca)

4. chegar, na LE, à paráfrase de um idiomatismo dado

Ex.:

- **cracher en l'air** (cuspir pra cima): *agii inutilement et en produisant des effets désagréables pour soi-même*
- **déchirer le coeur** (partir o coração): *faire souffrir moralement*
- **lavage de cerveau** (lavagem cerebral): *ensemble de contraintes psychologiques ou physiques exercées sur un individu pour l'amener à modifier ses propres convictions et réactions et à en adopter d'autres conformes au but poursuivi*
- **mordre à l'appât** (morder a isca): *se laisser séduire par une tromperie, par des apparences flatteuses*
- **point faible** (ponto fraco): *élément où la résistance est moindre*
- **royaume des morts** (reino dos mortos): *les enfers*

5. propor expressões sinônimas a determinados idiomatismos em LM e em LE

Ex.:

- **encher a cara** = encher a lata; entortar o caneco; tomar todas, -- um fogueirão, -- um porre ➤ *se piquer (noircir / salir) le nez = charger la mule; lever le coude*

- **avalor sa chique** = *avalor sa cuiller, -- sa fourchette, -- sa gaffe, -- son acte (bulletin) de naissance; avoir perdu le goût du pain; casser sa pipe; décoller (dévisser) son billard; s'endormir du sommeil de la tombe; faire couic; fermer son parapluie; lâcher la rampe; ne plus avoir mal aux dents; passer l'arme à gauche* ➤ *bater as botas = abotoar (fechar) o paletó; apitar na curva; bater as botas; dar com as dez; espichar*

(esticar) a canela; estar com a boca cheia de formigas; passar desta para melhor; vestir o pijama de madeira

6. tradução e versão de textos curtos que contenham idiomatismos

Ex.:

J'adore travailler avec ceux qui tout feu tout flamme, mais parfois ils ne pensent qu'à usines à gaz.

Adoro trabalhar com aqueles que são entusiastas, mas às vezes eles só pensam em projetos mirabolantes.

Na hora da onça beber água, quem costuma cuspir no prato em que comeu, pode te deixar a ver navios.

À l'heure du berger, qui a l'habitude de cracher dans la soupe, peut t'accrocher une gamelle.

7. contextualizar idiomatismos, inserindo-os em discursos criativos na LE, resguardando seu valor conotativo

Ex.:

entre deux âges ➤ de meia idade

pot aux roses ➤ mistério, véu

sans esprit de retour ➤ sem querer recompensa

voir trente-six chandelles ➤ ver estrelas

Como: *La lutte poursuivait cruellement. Le grand Chinois battait sans cesse notre pauvre ami. Après le dernier coup de poing, il a vu trente-six chandelles et ne s'est plus levé.*

8. contextualizar idiomatismos, inserindo-os em discursos criativos na LE, apresentado seu valor denotativo

Ex.:

aiguiser les couteaux ➤ afiar as facas

auberge espagnole ➤ hotel sem estrela

la vache est à nous ➤ a vitória está no papo

mine d'or ➤ mina de ouro

Como: *Aucun couteau qui coupe bien... Et je suis en retard pour préparer ce dîner. Aide-moi, Martine: il me faut encore aiguiser les couteaux avant de couper la viande du plat principal.*

9. analisar o valor argumentativo de uma EI em um texto ou as intenções de comunicação implícitas nesse texto

Essa tipologia de exercícios, porém, constitui apenas uma proposta de sensibilização do aprendiz para a aquisição de EIs em seu acervo lexical, pois tais exercícios ainda não foram efetiva e sistematicamente utilizados em sala de aula.

IV. CONCLUSÃO

É inegável a importância de sabermos usar a língua adequadamente, em diferentes contextos. Para atingirmos nosso objetivo de comunicação, devemos ter consciência que, além do ensinamento gramatical, é essencial o lexical, uma vez que a viabilidade de sistematização da diversidade léxica pode ser amparada por metodologias lexicográficas e lexicológicas. Assim, o estudo do léxico revelará com maior propriedade os padrões culturais dos povos, seus sistemas de valores, etc.

Por isso, é fundamental que a fraseologia esteja presente nas salas de aulas e com ela o ensino das EIs, que são parte da sabedoria popular, expressam sentimentos, emoções, sutilezas de pensamentos dos falantes nativos, e serão de grande uso para os aprendizes. Traduzir e compreender uma EI, encontrar o seu equivalente em uma língua ou até mesmo explicá-la, ajudam os usuários a ultrapassarem os conhecimentos simplesmente veiculados nos textos e levam-nos a penetrar nas verdadeiras raízes da cultura popular.

Temos que considerar também que se necessita destinar um bom tempo para a aprendizagem das EIs, principalmente se a língua materna e a língua alvo forem muito divergentes. Portanto seria relevante - e é o que procuramos propor nesse trabalho - classificarmos as EIs que devam ser ensinadas desde o início até o último ano de estudo universitário, observando-se seus graus diferentes de dificuldades e utilizando-se as várias estratégias facilitadoras para sua aquisição.

O aluno munido de EIs em uma LE, adequadas às diversas situações de comunicação, verá, então, ampliadas suas possibilidades de usar essa língua com desenvoltura e será mais facilmente conduzido a dominar uma importante fatia do léxico.

Acreditamos, pois, que deveria haver nas aulas de LE um espaço reservado ao ensino das EIs, cuja sistematização – baseada, por exemplo, na série de exercícios apresentados – parece-nos passível de aplicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBOSA, M. A. (1992). *O percurso gerativo da enunciação, a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico*. XXI Anais do GEL, p.258-265.
- BOGAARDS, P. (1994). *Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères*. Paris: Hatier/Didier.
- COSTA, D. N. M. (1987). *Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º. grau?* São Paulo: EPU-EDUC.
- FILLMORE, C. J. On fluency. In: FILLMORE, C. J. et al. (EDS).(1979). *Individual differences in language ability and language behavior*. New York: Academic Press, p.85-101.
- GREEN, G. M. (1989). *Pragmatics and natural language understanding*. Illinois: Lawrence Erlbaum Associates.
- LABOV, W. (1975). *Language in the inner city*. 3.ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). (1979). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press.

XATARA, C.M. (1998). *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 253p. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) - UNESP.

_____. (1994). *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Araraquara, 140p. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) - UNESP.